

## MODELAR O PASSADO

Em setembro de 2021, foi realizado o 14º Congresso Alemão de Lusitanistas, na Universidade de Leipzig, em modalidade híbrida. Dentre os 22 simpósios inscritos, constava o intitulado *Modelagens do passado literário dentro e fora da ficção no século XIX*, organizado por Roger Friedlein e Marcos Machado Nunes, professores da Ruhr-Universität Bochum, e Regina Zilberman, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As comunicações, proferidas a partir da Alemanha, do Brasil, da França e de Portugal, abordaram essa temática por meio da análise de diferentes gêneros e formas literárias – como romance, periódicos, teatro e poesia.

Propôs-se aos pesquisadores que refletissem sobre as diversas manifestações do passado literário no século XIX. Estas manifestações configuram-se na história da literatura, que se tornou uma disciplina ao longo deste século, mas também em obras literárias e discussões críticas que assumiam o passado em seu horizonte teórico entre continuidade e ruptura: é o que nos mostram os artigos de Regina Zilberman, Márcia Ivana Lima e Silva, Rafael Souza Barbosa e Regina Faria.

Em “*Os Lusíadas* segundo Joaquim Nabuco: o debate sobre a nacionalidade do poema na imprensa de 1872”, Zilberman reflete sobre intenso debate do lugar de *Os Lusíadas* na literatura lusófona: ele faz parte de uma literatura em língua portuguesa, que assumia uma continuidade entre Brasil e Portugal, da épica exemplar da literatura portuguesa ou da nascente literatura brasileira? Zilberman apresenta-nos as ideias então polêmicas de Joaquim Nabuco que, ao rejeitar o indianismo e as ideias de originalidade e nacionalidade da literatura brasileira, argumenta que a obra de Camões é parte da Literatura Brasileira, uma crítica que encontrará ecos sobretudo nos estudos de Machado de Assis sobre o tema.

Márcia Ivana Lima e Silva e Rafael Souza Barbosa demonstram em seu texto as implicações do passado na discussão pública sobre a literatura. Lima e Silva discute a noção de épico em José de Alencar a partir da polêmica sobre *a Confederação dos Tamoios* – uma noção que se forma, sobretudo, a partir de uma reflexão sobre os temas do passado. Já Souza Barbosa, em “A Política do indianismo brasileiro vista a partir do acervo de Ferdinand Denis”, revela as intenções políticas de internacionalizar o indianismo brasileiro por meio do

gesto do oferecimento de livro – por atores sociais públicos ou privados, com diferentes motivações.

Regina Faria analisa em “Rasuras na tradição da escrita da historiografia oitocentista: Abreu e Lima, Álvares de Azevedo, Machado de Assis” a singularidade destes autores, cada um a seu tempo, na configuração de uma historiografia da literatura brasileira.

Ainda no terreno do debate público, Bruna Nunes, Alexandre Kuciak e Natália Gonçalves de Souza Santos investigam o papel da imprensa na difusão e na transmissão da poesia e como ele se articula com os modelos do passado. Nunes verifica a repercussão da lírica do XIX e como o passado literário é operacionalizado a partir de um levantamento da seção “Poesia” da revista *A Estação* (1879-1904), enfatizando os anos de 1880 a 1884. Kuciak investiga o modo como a poesia foi vista na imprensa do XIX a partir do periódico *Conferências Populares* e dos textos de Pereira da Silva acerca da poesia épica.

Em “Ensaio de comparatismo na imprensa acadêmica paulistana (1847-1863): entre inventar e negar o/um passado”, Natália Gonçalves analisa o debate comparatista desenvolvido em um conjunto de textos publicados nos periódicos *Ensaio literário* (1847-1850) e os *Ensaio literário do Ateneu Paulistano* (1852-1863), observando como eles expressam as diferentes maneiras de se pensar nosso passado literário em função da literatura brasileira que se projetava.

Entretanto, a modelagem do passado literário também se verifica na própria produção poética e ficcional do período, como nos mostram os trabalhos de Maria Aparecida Ribeiro, Rodrigo Dias, Cristian Cláudio Quinteiro Macedo e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard.

Em “*Nossa Senhora dos Guararapes* ou quando um português faz um romance histórico brasileiro”, Ribeiro examina a composição da obra a partir de seus aspectos histórico, descritivo, moral e crítico, investigando a conformação das nacionalidades dos narradores da trama.

Por sua vez, Rodrigo Dias demonstra em “Uma opereta na roça: *Abel, Helena*, de Arthur Azevedo, paródia de *La Belle Hélène*, de Offenbach, Meilhac e Halevy” o processo de transposição do cenário mitológico da peça francesa para a roça, dialogando com uma tradição brasileira de representação teatral do meio rural a partir de um olhar citadino e fluminense no Brasil do século XIX.

O texto assinado por Christian Macedo e Patrícia Reuillard, “Sobre o vate e o satírico: duas temporalidades na obra de Gonçalves de Magalhães” investiga como o poeta brasileiro

Gonçalves de Magalhães dialogou de maneira diversa com pseudociências de sua época nos gêneros poéticos que praticou.

Os debates desenvolvidos no simpósio suscitaram o interesse para a publicação de um dossiê, a fim de veicular os resultados das pesquisas apresentadas e de agregar outros interlocutores ao diálogo. Assim, este número da Conexão Letras propôs dar continuidade à discussão sobre os sentidos do passado literário na reflexão sobre literatura dentro e fora do texto literário. O número, contudo, não se restringe ao tema do dossiê. Na seção livre, Jane Tutikian interroga os rumos da literatura produzida por mulheres em Portugal. O volume conclui-se com resenha de Carla Carolina Moura Barreto para a obra *A nebulosa do (auto)biográfico: vidas vividas, vidas escritas*, de Eurídice Figueiredo (Editora Zouk, 2022).

*Bruna Nunes*  
*Rafael Brunhara*  
*Rafael Souza Barbosa*

Dezembro de 2022